



2012 TOKYO ANNUAL MEETINGS

INTERNATIONAL MONETARY FUND
WORLD BANK GROUP

Portuguese

October 12, 2012

Address by **JIM YONG KIM**,
President of the World Bank Group,
to the Boards of Governors of the World Bank Group,
at the Joint Annual Discussion

Senhor Presidente, Governadores, Ministros, distintos convidados e cidadãos do mundo:

É uma honra dirigir a palavra aos senhores, pela primeira vez, como Presidente do Grupo do Banco Mundial.

Desejo agradecer as autoridades japonesas por sua acolhida e hospitalidade calorosas. Estamos todos sensibilizados pela capacidade de recuperação e determinação demonstrados pelo Japão em recuperar-se do terremoto e tsunami do ano passado. E estamos agradecidos pela generosa contribuição do povo japonês para o desenvolvimento global durante muitas décadas.

Permitam-me também agradecer Riad Salamé e Marek Belka. E Christine, muito obrigado por seu apoio inestimável nos meus três primeiros meses no cargo.

Já transcorreu quase meio século desde que estas Reuniões Anuais foram realizadas em Tóquio. Naquela época o Japão passava por uma notável transformação econômica. Na Europa os países que tinham passado séculos em guerra estavam abraçando a paz por meio de uma maior integração econômica. Na África a onda de independência estava abrindo novas oportunidades para a autodeterminação. E na América o racismo institucionalizado estava sendo confrontado por um movimento de direitos civis.

Martin Luther King, Jr. captou essa busca universal de progresso e dignidade ao afirmar: “o arco do universo moral é longo, mas se inclina para a justiça.” A afirmação do Dr. King revelou um otimismo fundamental sobre a condição humana, otimismo que impulsionou a minha vida e que eu trouxe comigo para o Grupo Banco Mundial.

No entanto, nosso progresso não é preordenado – depende da ação coletiva. A transformação que ocorreu há cinco décadas revela agora como os indivíduos, trabalhando em conjunto, podem inclinar o arco da história no sentido de mais oportunidades para mais pessoas em mais lugares.

Um desafio à inclinação do arco

Ao nos reunirmos em Tóquio pela segunda vez nossa era é novamente definida por desafios extraordinários. Quatro anos após o surgimento da crise financeira ainda estamos procurando coletivamente reconstruir a estabilidade e restaurar a confiança. A atual instabilidade econômica e financeira na Europa continua a ameaçar o crescimento e os empregos nos países em desenvolvimento. Neste ínterim, o aumento dos preços dos alimentos está levando ao limite os orçamentos dos mais pobres. E muitos países do Oriente Médio estão empreendendo talvez suas transições mais importantes em gerações.

Graças à generosa reposição e aumento de capital da AID, o Banco Mundial está pronto para ajudar os países em desenvolvimento ao procurarem proteger-se contra a instabilidade de hoje e garantir suas metas de desenvolvimento de longo prazo. Já estamos trabalhando no sentido de desembolsar rapidamente fundos para que continuem a aumentar os investimentos na infraestrutura. Estamos estendendo o crédito às pequenas e médias empresas. Estamos ajudando nossos clientes a reforçarem suas redes de segurança social para proteger as pessoas vulneráveis. E estamos aumentando a resiliência de pequenos agricultores por meio de nossos empréstimos para a agricultura sustentável.

No mundo inteiro as pessoas estão unidas por sua esperança comum de conseguir um futuro melhor. Pessoas como Oneida, uma mulher hondurenha de 26 anos que nos disse que, para manter as pessoas seguras contra o crime, a sua comunidade precisa de “mais policiais, sem dúvida, mas acima de tudo de mais empregos.” Ou Dhangaur, mãe indiana que nos disse que, para manter a saúde de seus filhos ela precisa de um bairro limpo e ar puro. Elas não querem apenas sair da pobreza. Elas querem construir e alcançar todas as esferas da prosperidade, incluindo renda mais alta, boa saúde e educação de qualidade. E elas querem justiça. Porque, onde há pobreza e desigualdade, com demasiada frequência há injustiça.

Presenciei de primeira mão como a pobreza inflige violência no corpo e espírito das pessoas. Isso torna todos nós menos humanos. Por que toleramos isso?

Também observei como as pessoas marginalizadas têm uma determinação extraordinária para afirmar a própria dignidade. Por que a nossa determinação de pôr fim à pobreza não se iguala à delas?

Portanto, esta é a questão que quero abordar esta manhã: O que será necessário para todos nós – governos, setor privado, sociedade civil e organizações multilaterais no mundo inteiro – ajudarmos as Oneidas e as Dhangaur de todo o mundo a alcançar suas metas? E o que o Grupo Banco Mundial fará para ajudar a pôr fim à pobreza e construir uma prosperidade compartilhada?

Estou perfeitamente ciente de que neste ambiente desafiador o apoio para o desenvolvimento pode esmaecer frente a outras prioridades. Muitos dos presentes ouviram argumentos sobre como, no atual clima econômico, não podemos nos permitir renovar nosso compromisso com o desenvolvimento global porque temos que cumprir as promessas feitas em outras épocas.

Hoje estamos aqui para apresentar um contra-argumento. Hoje, quando muitos cidadãos exigem maior inclusão e alguns talvez estejam perdendo a esperança, temos a oportunidade – e creio que também a responsabilidade – de construir uma nova era de prosperidade compartilhada. Com mais de um bilhão de pessoas vivendo na pobreza e 200 milhões desempregados, agora não é o momento de seguirmos o próprio caminho ou focar somente os próprios interesses estreitos.

Porque é possível fazer muito mais hoje e há muito mais em jogo.

Na última década cerca de 50 países em desenvolvimento – onde no conjunto vivem mais de quatro bilhões de pessoas – viram seu PIB crescer em média pelo menos 5% ao ano. Graças a esse crescimento, a pobreza caiu mais rapidamente do que jamais ocorrera; o primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milênio (ODM) – reduzir pela metade até 2015 a taxa de pobreza de 1990 – foi alcançado cinco anos antes do prazo estipulado.

Na África surgem novas oportunidades, como eu mesmo pude observar quando visitei a Costa do Marfim e a África do Sul no mês passado. Em um centro de treinamento profissional financiado pelo Banco Mundial na Costa do Marfim, eu conheci ex-combatentes que estavam depondo as armas e pegando alicates e chaves de fenda e aprendendo a ser eletricitas. Este tipo de otimismo é contagioso e se está espalhando por todo o continente.

Houve uma época em que pensávamos que os países mediterrâneos não pudessem crescer substancialmente; a expansão econômica de quase 8% ao ano do Ruanda na última década refutou este argumento. Pensávamos que fosse impossível estabelecer sistemas de prestação de serviços de saúde em ambientes de conflito; a extensão drástica dos serviços básicos de saúde no Afeganistão na última década refutou este argumento. Pensávamos que países com profundas desigualdades estruturais não pudessem enfrentar a desigualdade persistente; o sucesso do Brasil em reduzir seu coeficiente de Gini em cinco pontos percentuais refutou este argumento.

Descobrimos que nada é predeterminado, toda economia tem potencial e a questão é como liberá-lo. Quando criança emigrei para os Estados Unidos da Coreia do Sul, naquela época um país descrito como “sem remédio”. O sucesso econômico da Coreia nos faz recordar que nunca mais devemos ser imodestos e pessimistas a ponto de atribuir rótulos tão pejorativos a nenhum país.

Quando observamos a última década de sucesso e a gravidade das atuais ameaças que enfrenta a economia mundial, o que podemos dizer da perspectiva para nosso futuro, hoje no fim de 2012? Enfrentamos três cenários potenciais no médio prazo.

O primeiro cenário é quando os países mantêm suas atuais trajetórias de desenvolvimento. Neste cenário a incidência de pobreza global provavelmente continuará a diminuir em cerca de 1 ponto percentual ao ano, como vem ocorrendo recentemente. Nas últimas duas décadas o mundo em desenvolvimento cortou pela metade a sua taxa global de pobreza. Se mantivermos este impulso cortaremos novamente pela metade a taxa de pobreza nos próximos 10 anos. O número de pessoas que passarão para a classe média aumentará notavelmente. *Este é um progresso impressionante. Porém não é suficiente. Podemos fazer melhor.*

O segundo cenário é mais sombrio. Nele as crises crescentes na economia global tiram os países em desenvolvimento de suas recentes trajetórias de crescimento. A desigualdade elevada e crescente reduz as oportunidades econômicas das pessoas e limita as perspectivas de crescimento no longo prazo. *Neste cenário o progresso com relação à pobreza global seria lento e até mesmo poderá sofrer reversão. Devemos evitar este resultado.*

O terceiro cenário é o que me dá energia e me estimula a me levantar e ir trabalhar todas as manhãs. Este é o caminho em que nos reunimos para dobrar o arco da história e acelerar o progresso. Ajudamos um maior número de pessoas a participar do desenvolvimento e se beneficiar dele. Criamos maior capacidade de para que as pessoas possam gozar de maior segurança econômica. *E se estivermos dispostos a emvidar o esforço, podemos praticamente eliminar a extrema pobreza.* Esta meta não está distante – é realizável. *Juntos podemos fazer isso acontecer.*

O que será preciso?

O que será necessário para chegar lá?

Hoje a economia global está em uma conjuntura crítica. Hoje o que une nossos membros diversificados é o fato de todos estarem buscando novas soluções para conseguir um futuro mais próspero, mais sustentável e mais inclusivo.

Como todos sabemos, Os países de alta renda estão buscando novas soluções para criar empregos, promover o crescimento e restaurar a sustentabilidade fiscal. O seu sucesso nesse empreendimento é importante para todos nós porque, como todos vimos, as crises econômicas nos países desenvolvidos podem rapidamente espalhar-se pelo mundo inteiro. E porque o compromisso dos países desenvolvidos com a ajuda externa continua a ser crítico para promover nossa agenda compartilhada de desenvolvimento.

O Grupo Banco Mundial tem uma experiência de longa data na formulação de programas eficazes de proteção social, melhoria dos climas de investimento e identificação de investimentos públicos favoráveis ao crescimento. Como Banco global, estamos prontos para oferecer nosso conhecimento e assistência técnica sempre que for solicitada, inclusive aos países de alta renda que estão passando por reformas econômicas.

Os países de renda média estão procurando novas soluções para um conjunto diferente de desafios. Muitas dessas economias cresceram rapidamente nos últimos anos. No entanto, como todos reconhecemos, as estratégias usadas para prosperar no passado talvez não sejam apropriadas para os desafios à frente. Incluem assegurar a participação dos pobres no processo de crescimento; eliminar déficits da infraestrutura e energia; introduzir reformas de políticas de segunda geração; e assumir seu papel como interessados responsáveis e generosos no sistema global.

O Grupo Banco Mundial já se está modernizando para atender às demandas de nossos clientes de renda média, mas creio que podemos fazer melhor. Devemos tornar-nos mais rápidos, mais inovadores e mais flexíveis. Estamos desenvolvendo vários novos instrumentos, adaptados às suas necessidades, tais como empréstimos a governos subnacionais e serviços financeiros em gestão de ativos e produtos compensatórios. E à medida que as economias emergentes assumem papel crescente na economia global, eu estou pessoalmente comprometido a assegurar que tenham forte expressão em nossa instituição.

Nesse ínterim, os países de baixa renda estão procurando novas soluções para acelerar o crescimento, promover a concorrência e tirar seus cidadãos da pobreza. Eles veem uma oportunidade para se tornarem a próxima geração de mercados emergentes construindo instituições mais responsáveis e setores privados mais dinâmicos. Na África, por exemplo, vários países estão descobrindo novos recursos naturais que, sem bem administrados, podem ser transformadores.

O Grupo Banco Mundial empenhar-se-á mais em ajudar os países de baixa renda a alcançarem esta visão. Por meio da Empresa de Gestão de Ativos da IFC, da qual o Japão é um dos principais contribuintes, estamos liberando novos fundos de investimento para o sector privado nos mercados fronteiriços. E procuraremos uma ambiciosa reposição de capital da AID 17, uma das minhas prioridades.

Os Estados frágeis, como sei de minha própria exceção no Haiti, estão buscando novas soluções para escapar da fragilidade. Os países que caem na guerra civil geralmente levam uma década ou mais para se recuperarem. Os exemplos de países como Moçambique, Ruanda e Uganda, que conseguiram superar o conflito, constatamos que três elementos são críticos: segurança, justiça e emprego.

O Grupo Banco Mundial precisará avançar com um sentido de urgência ainda maior na prestação de assistência aos Estados frágeis. É por isso que estamos reformulando nossos sistemas e políticas operacionais para responder de forma rápida e decisiva aos riscos quando estes se materializarem. Estamos proporcionando a nossos clientes e parceiros acesso direto ao conhecimento que fará diferença. E estamos comprometidos a assegurar que disponhamos de pessoal capaz e experiente nos lugares mais complicados onde são mais necessários.

Em uma conjuntura crítica, países do Oriente Médio e Norte da África estão procurando novos meios para desenvolver modelos políticos e econômicos mais inclusivos. As transições em andamento nesses países recordam-nos que o processo de desenvolvimento deve ser inclusivo e transparente, bem como criar oportunidades para os jovens, especialmente jovens do sexo feminino.

No Grupo Banco Mundial levamos muito a sério essa lição e uma das minhas prioridades é intensificar nossa colaboração com a região e repensar os nossos enfoques quando necessário.

À medida que essas economias diversificadas enfrentam seus desafios específicos, precisam fazer isso de forma sustentável que não esgotem nossos recursos naturais compartilhados. Como profissional formado em ciências, sei que não podemos ignorar a evidência científica sobre a mudança climática e que devemos empreender a tarefa urgente de proteger nosso meio ambiente. Se não o fizermos, correremos o risco de criar um meio ambiente físico que prejudicará e reverterá o desenvolvimento.

Portanto, no Grupo Banco Mundial estamos trabalhando arduamente na promoção de investimentos em bens públicos globais e desenvolvimento sustentável. Criamos uma contabilização de capital natural no cenário global para incentivar os países a compreenderem melhor e administrarem seus ativos naturais. Estamos ajudando os países a desenvolver estratégias para o crescimento verde. E atribuiremos prioridade à boa governança como pedra angular do desenvolvimento, continuando a combater agressivamente a corrupção.

Está claro para mim que este mundo em transformação precisa de um Grupo Banco Mundial forte. Um Grupo Banco Mundial que, por meio de nossos empréstimos, nosso conhecimento e nosso poder de mobilização, proporcione soluções para um desenvolvimento integrado para enfrentar os desafios tanto de hoje como de amanhã.

Criando um “Banco Mundial de Soluções”

Então, neste mundo em transformação, qual é o futuro do Grupo Banco Mundial? Nos últimos três meses um das minhas principais prioridades tem sido reunir-me com o maior número possível de funcionários. Eles são o maior ativo do Banco Mundial. Uma das perguntas que tenho feito a nossos funcionários é a seguinte: quando vocês viram o Grupo Banco Mundial em sua melhor forma?

Estou ciente de que fizemos parceria com outros doadores para mobilizar rapidamente US\$ 1,3 milhão para prestar assistência aos países no Chifre da África que sofrem seca severa.

Estou a par de como trabalhamos com o Governo da Índia no lançamento de um programa pioneiro de seguro de colheitas para ajudar milhões de agricultores a reduzir o risco de flutuações climáticas.

Estou ciente de que uma garantia da Agência Multilateral de Garantia de Investimentos (MIGA), nosso braço de seguros contra risco político, apoiou o primeiro projeto geotérmico na África, financiado pela iniciativa privada, que está reunindo investidores neste mercado inédito, mas promissor.

Esses sucessos revelam uma instituição ágil e inovadora. Que penetra nos ambientes mais difíceis e atua de forma transformadora. Que é humilde e mobiliza sua perícia técnica para produzir diversos resultados.

Segue a pergunta natural: o que será necessário para o Grupo Banco Mundial atuar da melhor maneira possível em cada projeto, para cada cliente, todos os dias?

E creio que a resposta é a seguinte: devemos assumir uma nova identidade estratégica para nós. Devemos passar de um Banco Mundial de “conhecimento” para um banco de “soluções”. Para ajudar nossos clientes na aplicação de soluções não ideológicas baseadas em evidências para os desafios ao desenvolvimento.

Permitam-me ser claro: quando digo que seremos um banco de soluções, não estou sugerindo que o Grupo Banco Mundial tenha soluções prontas para todos os problemas. Não temos e esta não é nossa meta.

Ao contrário, como banco de soluções, colaboraremos com nossos parceiros, clientes e clientes locais para aprender e promover um processo de descoberta. Por meio de décadas de trabalho de desenvolvimento aprendemos que as melhores soluções para os problemas econômicos e sociais frequentemente provêm dos indivíduos e comunidades que enfrentam esses desafios no dia a dia. São os meus melhores professores. Devemos ouvir suas perspectivas e ser orientados por elas.

Para ser um banco de soluções eficazes precisamos procurar respostas além de nossos muros. O conhecimento de hoje está em todas as partes, saindo de empresários em Delhi para cidadãos da zona rural do México e para a sociedade civil em Lagos e formuladores de política em Sarajevo. Com o nosso alcance global, o Grupo Banco Mundial está posicionado de forma ideal para conectar e reunir múltiplos interessados do mundo inteiro, sendo intermediário do intercâmbio de conhecimentos além dos limites institucionais.

Para fazer isso fortaleceremos e expandiremos nossas parcerias. Isso significa reforçar a colaboração com o FMI, ONU e bancos regionais de desenvolvimento. E significa formar novas alianças com as principais organizações da sociedade civil, fundações, instituições acadêmicas e setor privado no intuito de avançar metas compartilhadas.

Um banco de soluções estará mais do que nunca focado na prestação de serviços. Em uma era de recursos restritos e desafios intimidantes, isso é o que exigem tanto nossos doadores como nossos clientes. Vários de nossos clientes têm recursos financeiros cada vez maiores a seu dispor. Mas todos os nossos clientes enfrentam o desafio da prestação de serviços – formulação, execução e demonstração de resultados.

E isso porque a maioria dos fracassos ocorrem na prestação de serviços. Quando um governo promulga uma lei forte de combate à corrupção, mas pouco muda na prática real, há uma falha na prestação de serviços. Ou quando um país investe pesadamente no ensino básico, mas mesmo assim não consegue que todas as crianças frequentem a escola ou assegurar que estejam aprendendo, há também uma falha na prestação de serviços.

Esta é a próxima fronteira para o Grupo Banco Mundial: ajudar a avançar na “ciência da prestação de serviços”. Sabemos que a prestação de serviços não é fácil – não é tão simples como apenas dizer “isso funciona e isso não funciona”. A prestação de serviços eficaz exige conhecimento específico de um contexto . Requer ajustes constantes, disposição para enfrentar riscos inteligentes e enfoque incansável nos detalhes da implementação. Uma das vantagens comparativas principais do Grupo do Banco Mundial é o fato de termos feito parcerias com comunidades e formuladores de política praticamente em todos os países em desenvolvimento e em todos os setores. Para sermos um banco de soluções precisamos alavancar sistematicamente e aplicar as lições dessas experiências.

Ser um banco de soluções exigirá que sejamos honestos com relação tanto a nossos sucessos como a nossos fracassos. Podemos e devemos aprender de ambos.

Nossa transformação em banco de soluções será realizada no correr do tempo e ainda estamos identificando oportunidades para operacionalizar essa mudança. Mas hoje desejo ressaltar quatro ações antecipadas que queremos acelerar nesse processo.

Primeiro, estabeleceremos uma linha de base clara e comensurável. Isso nos obrigará a examinar cuidadosamente tudo o que fazemos e empenhar-nos em ser o mais eficaz possível. A missão do Grupo Banco Mundial é pôr fim à pobreza e construir uma prosperidade compartilhada. *É por esta razão que pedi à instituição que formule uma linha de base sob a forma de alvos ambiciosos para estas duas metas.*

Segundo, estamos reforçando nossa implementação e resultados. Neste sentido, mudaremos as estruturas de incentivos para recompensar os implementadores e os “solucionadores”: pessoas que produzem resultados para clientes no campo. Não devem ser necessários dois anos para um projeto evoluir do conceito à implementação. Queremos ser responsáveis não por processos, mas por resultados. *Por isso trabalharei com a Diretoria Executiva na agilização de nossos procedimentos, simplificação de nossos processos e redução do tempo de preparação de um projeto.*

Terceiro, melhoraremos rapidamente nossa capacidade de proporcionar aos clientes soluções integradas para obter o máximo impacto. Melhores sinergias reforçarão nossa vantagem comparativa como a única instituição de desenvolvimento global capaz de prestar apoio confiável aos setores público e privado; de proporcionar acesso a recursos excepcionais de conhecimentos; e de oferecer seguro contra riscos para energizar o investimento. *Por isso pedi à minha equipe de administração para formular um plano de geração de sinergias maiores em todo o Grupo Banco Mundial para economizar custos e melhorar a eficácia.*

Quarto, precisamos continuar a investir em dados e ferramentas analíticas, aproveitando o sucesso da iniciativa Dados Abertos. Os dados são cruciais para o estabelecimento de prioridades, formulação de políticas sólidas e rastreamento de resultados. No entanto, a capacidade estatística de muitos países é débil e carece de dados confiáveis e atualizados

sobre economia e pobreza. *Por isso trabalharemos com nossos clientes para assegurar que praticamente todos os países em desenvolvimento disponham de dados oportunos e precisos. E comunicaremos anualmente o progresso no combate à pobreza e geração da prosperidade compartilhada.*

Quando nos reunirmos novamente daqui a seis meses apresentarei um relatório de andamento sobre nossa atuação, comunicando-lhes o que está sendo realizado e onde devemos exercer mais pressão. Espero que os senhores e respectivos Diretores Executivos nos responsabilizem durante todo este processo, assegurando que estabeleçamos metas ambiciosas para nós mesmos e nos mobilizemos para cumpri-los.

Conclusão

Permitam-me concluir observando que nos 68 anos desde a sua fundação o Grupo Banco Mundial vem evoluindo continuamente em um mundo em transformação. Originalmente era um “banco de reconstrução”, focado na reconstrução da Europa após a Segunda Guerra Mundial. Sob a direção de Robert McNamara tornou-se um “banco de empréstimos”, estendendo financiamentos para reduzir nos países em desenvolvimento. Sob a direção de Jim Wolfensohn o Banco Mundial transformou-se novamente em “banco do conhecimento”, expandindo nossa compreensão do processo de desenvolvimento e seu papel na promoção do desenvolvimento inclusivo. E recentemente sob a direção de Bob Zoellick a instituição tornou-se mais aberta e transparente. Sou grato a meus antecessores pela compreensão de seu mundo em transformação e por fazerem avançar o Grupo Banco Mundial.

Creio que chegou o momento de escrevermos o próximo capítulo de nossa evolução: é a hora de nos tornarmos um “banco de soluções”. Devemos ouvir, aprender e formar parcerias com os países e beneficiários a fim de construirmos soluções de baixo para cima. É assim que aumentaremos nossa relevância e nosso valor na economia global de hoje e de amanhã.

No Banco Mundial falamos com frequência em sonhar com um mundo livre de pobreza, o lema inscrito na entrada de nossa sede. Bem, chegou o momento de passarmos de um sonho de um mundo livre de pobreza para a realidade. É a hora de dobrarmos o arco da história. Com a solidariedade global sustentada por um impulso incansável na busca de resultados, podemos, devemos e poremos fim à pobreza e construiremos uma prosperidade compartilhada.

Muito obrigado.